



**Natureza, sociedade e educação para Élisée Reclus: Conflito, desigualdade e a
necessidade da revolução como contribuição à Educação Ambiental**

Horacio Rodrigo Souza Rodrigues¹

Leonardo Leite da Cunha²

Carlos Roberto da Silva Machado³

Resumo: Na busca do entendimento e superação da crise socioambiental, nos deparamos com a necessidade de uma Educação Ambiental que seja produzida a partir daquelas e daqueles que sofrem as injustiças da forma como a nossa sociedade se relaciona com a natureza. Buscamos no pensamento anarquista contribuições que nos ajudem nisso. Iniciando pelo francês, anarquista e geógrafo Élisée Reclus. De seu pensamento podemos ressaltar que nossa relação com o meio é naturalmente conflitiva, porém só é degradante para ambos por conta da desigualdade social. A luta por uma outra sociedade, assim como a proposta de uma outra educação se mostram basilares no pensamento do autor.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Élisée Reclus. Anarquismo

**Nature, society and education for Élisée Reclus: Conflict, inequality and the necessity
of the revolution as a contribution to Environmental Education**

Abstract: In search of understanding and overcoming the socioambiental crisis, we face ourselves with the necessity of an Environmental Education, produced stemming from those who suffer injustices in the way our society relates itself with nature. We search in the anarchist thinking contributions that help us in this. We start by the french, anarchist and geographer, Élisée Reclus. From his thoughts we can highlight that our relationship with the environment is naturally conflictive, although only degrading for both sides because of social inequality. The struggle for another society, as well as a proposal of another education, present themselves as base in the thoughts of the autor.

Keywords: Environmental education. Élisée Reclus. Anarchism

¹ Oceanólogo (FURG). Mestrando em Educação Ambiental - PPGA. Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Bolsista CAPES-DS. horacio.r.sr@gmail.com (O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001)

² Professor de História, Mestrando em Educação Ambiental – PPGA. Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Bolsista Capes-DS. E-mail: leonardolcunha@gmail.com

³ Doutor em Educação - UFRGS; Professor do Instituto de Educação - IE; Universidade Federal do Rio Grande - FURG. E-mail: carlosmachado2004furg@gmail.com

Naturaleza, sociedad y educación para Élisée Reclus: Conflicto, desigualdad y la necesidad de la revolución como contribución a la Educación Ambiental

Resumen: En la búsqueda del entendimiento y superación de la crisis socio-ambiental, nos encontramos con la necesidad de una Educación Ambiental que se produzca a partir de aquellas y de aquellos que sufren las injusticias de la forma en que nuestra sociedad se relaciona con la naturaleza. Buscamos en el pensamiento anarquista contribuciones que nos ayuden en ello. Iniciando por el francés, anarquista y geógrafo Eliseé Reclus. De su pensamiento podemos resaltar que nuestra relación con el medio es naturalmente conflictiva, pero sólo es degradante para ambos por la desigualdad social. La lucha por otra sociedad, así como la propuesta de otra educación, se muestran basilares en el pensamiento del autor.

Palabras clave: Educación ambiental. Eliseo Reclus. anarquismo

1. Introdução

A Educação Ambiental (EA) se fundamenta na busca da superação da crise socioambiental, para tanto avançamos no entendimento de que esta EA, para além de ser desenvolvida *para/com* os grupos que sofrem as mazelas desta crise, deve ser realizada *desde/a partir* destes grupos, como ferramenta da sua luta (Santos, 2015). Tal proposta de construção, a partir de baixo, converge para os pressupostos do anarquismo enquanto proposta sociopolítica. Passamos então a buscar neste pensamento, em especial na relação da sociedade com a natureza e da educação, contribuições que venham a auxiliar nos fundamentos da EA. De início, encontramos que a construção do pensamento anarquista traz consigo o entendimento de que o ser humano só possui uma relação de degradação com a natureza devido à desigualdade social, que uma sociedade justa socialmente resultaria numa relação solidária (Cuevas Noa, 2014), mesmo que conflitiva com o meio natural.

Para atingir nosso objetivo, iniciamos a pesquisa com o anarquista, geógrafo e amante da natureza, Élisée Reclus (1830 – 1905). Ele percorreu ainda jovem várias partes do mundo, iniciando inclusive a construção de uma comunidade alternativa, de colonização de povoamento, no interior da Colômbia. Participou da construção da primeira internacional e também da comuna de Paris. Ao fim dela, fora condenado ao exílio perpétuo na Caledônia, o que seria para ele enquanto cientista uma condenação fatal. Para que não ocorresse houve uma movimentação de vários cientistas, inclusive o próprio Darwin, para que a pena fosse substituída pelo exílio de 10 anos na própria Europa (Andrade, 1985) (Codello, 2007).

Sua obra foi extremamente vasta, sendo basilar para a geografia descritiva mundial. Nela encontra-se a *Nouvelle Géographie Universelle*, feita sob encomenda e que contou

com 19 volumes somando mais de 17 mil páginas e 4 mil cartas de descrição geográfica do mundo. Ela conta com uma parte dedicada ao Brasil, publicada sob o título Estados Unidos do Brasil. Além de inúmeros textos e tratados que vão além da questão geográfica e possuem cunho político, como “A Grande Família”, “Evolução, revolução”, “A propósito do Vegetarianismo” a sua obra final, que reúne toda a potência já amadurecida do entendimento da natureza e da questão social é “o Homem e a Terra”, que em seis volumes reúne a descrição natural e a reflexão política e social do mundo (Andrade, 1985) (Codello, 2007).

Em seus escritos, afastava as divisões entre as áreas do conhecimento, porém declarava o rigor científico:

As ciências da vida, para Élisée Reclus, não eram redutíveis à biologia, à física e à medicina, mas incluíam também as ciências sociais e humanas. Nessa assunção, o homem, enquanto entidade analítica, deveria ser objeto de estudo científico exaustivo, evitando-se, assim, todas as especulações não científicas de caráter metafísico, religioso ou ideológico. (Ferreira, 2006).

Afastava também a divisão entre geografia humana e geografia física, ele considerava que a ciência geográfica existia enquanto única e una. Também foi o primeiro a analisar especificamente a geografia da colonização, inclusive sendo ele o autor inicial dos conceitos de colônia de exploração e de povoamento (Andrade, 1985).

Ele inaugura também o conceito de território, e com ele já traz a discussão sobre as formas de apropriação, tanto individual, da propriedade privada, quanto coletiva e comunitária. Inclusive considerando a propriedade privada do território em si como algo que não existe nas sociedades primitivas e, portanto, geradora das desigualdades, enquanto a posse e uso comunais do território representam a relação justa com este. Além disso, ao tratar do território e conseqüentemente dos seus limites, da sua fronteira, para Junior (2014): “Reclus compreende território em um sentido libertário, de uma abordagem internacionalista, pelo fim das fronteiras”:

Partindo da concepção de território a qual abarca a fronteira como limite entre pedaços de terra, Reclus compreendia o solo não apenas como um pedaço de terra ou um agregado de matéria orgânica, minerais, água, ar e horizonte definido, relacionava, sobretudo o solo como uma estância da existência humana. O solo aqui não é o ‘palco’ onde se desenvolve as ações dos indivíduos e das sociedades humanas, o solo é o prolongamento da vida. (Junior, 2014).

Este pensamento sobre a sociedade, a natureza e a geografia de Reclus já apontava para a necessidade de abandonar a dicotomia sociedade natureza, mas tratá-la de maneira holística e dialética, assim como a necessidade da crítica social na ciência, que não foi utilizada desde lá justamente por esta crítica não interessar às camadas dominantes. Por isso a ideia de geografia de Reclus teve um espaço menos significativo pela disputa neste campo com Vidal de la Blache, que era professor universitário, ao contrário de Reclus e pregava uma geografia também descritiva, porém, por não utilizar da dialética e do materialismo, separada de qualquer crítica social (Andrade, 1985).

A importância do pensamento de Reclus é inegável, o autor esteve a frente do seu tempo, ao antecipar reflexões que só iriam surgir e ganhar destaque nos anos (19)50 com a chamada Geografia Ativa. A sua chamada geografia social, realizou uma crítica a todo o pensamento colonial imperialista da época, críticas que nem o pensamento socialista da época dava conta. (Barreto, 2016).

De maneira preliminar, são amplamente identificadas três leis, ou ordens, da sociedade em seu pensamento que nos ajudam a entender como suas ideias se constroem: A “luta de classes”, a “busca do equilíbrio” e a “decisão soberana do indivíduo” (Andrade, 1985) (Barreto, 2016) (Junior, 2014). Através destas três dimensões e de seus movimentos, o autor compreende a realidade sem fragmentá-la, tratando problemas sociais de maneira crítica sem se afastar da questão natural e vice e versa.

As obras analisadas foram: “A propósito do vegetarianismo” e “A grande família” publicados sob o título de “A anarquia e os animais; “Do sentimento da natureza nas sociedades modernas”; “Evolución y revolución” e o compilado de textos intitulado: “Anarquia pela educação”. A obra “o Homem e a Terra” não foi analisada para este trabalho, porém será utilizada na sequência da pesquisa.

Para atingir nosso objetivo de encontrar no autor contribuições para a EA, analisamos as obras a partir de quatro dimensões da relação da sociedade x natureza identificada nelas, cada qual uma seção deste artigo: a conflitividade; a desigualdade na apropriação e no acesso; a busca da revolução social e; o papel da educação.

2. Da natureza conflitiva

Nas sociedades antigas a natureza tinha um sentido mágico e mitológico, principalmente aqueles locais de difícil acesso, que sempre foram considerados sagrados e palco de significativas crenças. Como exemplo está o cume das montanhas para os gregos,

onde o Cáucaso servia de pelourinho a Prometeu, o Olimpo a morada de Zeus, o Parnaso para a invocação de Apollo, entre outros.

Esta predisposição mitológica da natureza inacessível, reside na própria admiração humana ao local desconhecido, a devoção humana está no sentimento de desbravamento, que transpondo a pura contemplação, pode ser verificada na prática. Continuando no exemplo da montanha, em uma escalada, opera tanto física quanto intelectualmente:

Antes de tudo, é uma grande volúpia física respirar ar fresco e vivo, absolutamente viciado pelas impuras emanações das planícies. Sentimos renovados experimentando esta atmosfera de vida... Quanto ao prazer intelectual que a ascensão oferece, e que, de resto, está tão intimamente ligado às alegrias materiais da escalada, ele é maior quanto mais aberto o espírito e quanto mais estudados foram os diversos fenômenos da natureza. (Reclus, 2010b).

O ser humano ao se colocar como desbravador, se opõe a natureza e entra no jogo de forças em que ela própria já opera, se tornando parte deste conflito “para conhecer as planícies superiores das nuvens assim como outros conhecem aquelas da terra e para assistir ao conflito dos ventos alísios e da contracorrente vinda do equador” (Reclus, 2010b). O pensamento de Reclus “Considera a natureza como uma mãe beneficente que nutre e alimenta, sem o ideal romântico de harmonia, pois até as plantas e animais lutam por seu território.” (Baumgartner, 2014) Onde o ser humano “estaria em constante conflito com a Natureza, na busca de uma emancipação, tentando adaptar as forças naturais para o seu próprio uso” (Barreto, 2016).

O mesmo para a relação com outros animais, que mesmo sendo de conflito, só passa a ser de dominação no mundo “civilizado”, em povos primitivos o que havia era um respeito fraterno:

Assim, o mundo animal, do qual nós derivamos nossas origens e que foi nosso educador na arte da existência, que nos ensinou a caça e a pesca, a arte de nos curar e de construir nossas casas, a prática do trabalho em comum, a do suprimento, se tornou mais estranho a nós. Enquanto em relação aos animais, nós falamos hoje em dia de educação ou domesticação no sentido de escravidão, o primitivo pensava fraternalmente na associação. Ele viu nestes seres companheiros, e não servos, e de fato as criaturas – cães, pássaros, serpentes –, vinham de encontro a ele em caso de perigo comum, especialmente em tempos de tempestade ou inundação. (Reclus, 2010a).

Em nossa relação “civilizada” com eles, nos empenhamos acabar com alguns através da caça, outros domesticamos para que tenham comportamento estritamente

voltado para nosso uso. Mas de maneira mais enfática, Reclus critica o uso para alimentação:

Como a praticamos hoje, a domesticação dos animais atesta também em muitos aspectos uma genuína deterioração moral, pois, longe de melhorar os animais, nós os enfeiamos, vilipendiamos e corrompemos. Nós poderíamos, é verdade, aumentar no animal tanta qualidade de força, de habilidade, de fôlego, de velocidade de corrida, mas em nosso papel de carnívoros, nós tivemos a preocupação principal de aumentar as massas de carne e gordura que andam em quatro patas, de produzir armazéns de carne ambulante que se movem com dificuldade do esterco ao abatedouro. (Reclus, 2010a).

Para fazer uma comparação entre as atrocidades entre humanos e de humanos com animais, considera a carnificina da guerra como algo que pode ser ligado ao tratamento dados aos animais:

Mas não há alguma relação direta de causa e efeito entre a dieta destes carrascos que se dizem “civilizadores” e seus atos ferozes? Eles também se acostumaram a glorificar a carne sangrenta como geradora de saúde, de força e de inteligência. Eles também entram sem repugnância nos matadouros onde se escorrega sobre o pavimento avermelhado e onde se respira o odor insípido e doce do sangue! Não há portanto grande diferença entre o cadáver de um boi e o de um homem. Os membros amputados e as entranhas se misturando umas com as outras se parecem muito: o abate do primeiro facilita o assassinato do segundo, especialmente quando ressoa a ordem de um chefe e ou quando de longe vem as palavras do mestre coroadado, “Seja impietoso”... Não é uma digressão mencionar os horrores da guerra em conexão com o massacre de gado e os banquetes para carnívoros. A dieta corresponde bem aos modos dos indivíduos. Sangue chama sangue. (Reclus, 2010a).

Deste sentimento, mas não só em relação aos animais, mas também da busca pelo desbravamento, resulta entre os humanos uma espécie de competição pela conquista: “É uma grande e ao mesmo tempo bem pueril volúpia alcançar por primeiro um objetivo para o qual muitos olham ao mesmo tempo; fincar por primeiro uma bandeira sobre o bastião conquistado; lançar-se por primeiro sobre uma margem desejada” (Reclus, 2010b). Porém é o desenrolar deste sentimento em uma sociedade desigual que desencadeia a barbárie, pois neste ponto o conflito que era com o meio, passa a ser entre irmãos através do interesse de grupos dominantes, algo que nega tristemente a própria humanidade.

Este impulso que leva as carnificinas entre os povos, que para o autor encontra na dominação de um povo por outro através da imposição de ideais políticos, econômicos e/ou religiosos sua manifestação. Neste sentido o autor resume que “O amor pela luta e pelo perigo corre nas veias do homem; mas os verdadeiros heróis começam a compreender

que, para aplacar sua paixão pelo combate, é mais nobre lutar contra as forças da natureza do que procurar degolar seus irmãos” (Reclus, 2010b).

Mesmo com críticas a maneira como a sociedade se apropria e se refere à natureza, não há uma proposta de retorno ao primitivismo, mas sim a busca pelo uso equacionado do meio, pois “certamente, é preciso que o homem se apodere da superfície da terra e saiba utilizar suas forças; entretanto, não podemos nos impedir de lamentar a brutalidade com a qual se realiza essa tomada de posse” (Reclus, 2010b).

O autor ressalta como necessária a valorização dos avanços do constructo humano, porém como complementar ao que seria primitivo da nossa natureza. Inclusive na sua contemplação, pela admiração da paisagem, tanto da não antropizada como também daquela que foi construída:

Em toda parte, o homem que contempla essa cena vê marcas da capacidade industriosa de seus semelhantes: a natureza, modelada pelo trabalho, humanizou-se, por assim dizer, e o espectador ama ver-se a si mesmo na obra comum. Há grande distância, portanto, dessas regiões transformadas pela cultura às vastidões virgens cuja beleza primeva ainda permanece imaculada. (Reclus, 2010b).

Ocorre também o desvirtuamento da imagem que a sociedade cunha da natureza, como exemplo está o tom de perversidade, ao invés de admiração mítica, com que a igreja católica trata o desconhecido, o estrangeiro, o longínquo e desafiador. As representações que se fizeram nos mapas desta época sobre a terras inexploradas, trazem todo tipo de animais medonhos e terríveis. Assim como a maneira como se trata as populações destas terras: como inferiores, terríveis, temíveis e sem alma Reclus (2010b).

3. Da natureza desigual

A contemplação e desfrute da natureza para ele foi aos poucos sendo impedida, tanto de maneira parcial aos grupos dominantes (príncipes, senhores, chefes de exército) que não buscavam mais o desfrute, mas sim o acúmulo de poder e a dominação. Ao passo que vassalos, escravos, plebeus e todas as pessoas subjugadas aos grupos dominantes também não o podiam, de maneira alguma, por serem compelidas ao trabalho:

Qualquer que fosse o sentimento que experimentavam pela natureza exterior os conquistadores do solo, é certo que a massa escrava não podia compreender a beleza da terra sobre a qual transcorria sua miserável vida, e o sentimento que ela experimentava em relação às paisagens que a cercavam devia necessariamente se perverter. As amarguras da existência

eram, então, demasiado vivas para que pudessem dar-se amiúde o prazer de admirar as nuvens, os rochedos e as árvores. (Reclus, 2010b).

As cidades acabam se constituindo como refúgio de quase toda a população que não tem mais espaço no campo, porém continua se sustentando dos recursos deste, não é à toa que em épocas de crise no campo, ou de guerra onde o abastecimento fica comprometido, as cidades morrem de fome. Ainda sobre este êxodo, ele salienta a importância da troca cultural que a aglomeração nas cidades pode provocar, porém são poucos aqueles que conseguem atingir a sorte de se dar bem na cidade, nas palavras dele: “Bem poucos numerosos são os emigrantes que podem realizar seus sonhos de fortuna; muitos deles encontram a pobreza, a doença, uma morte prematura nas grandes cidades, mas ao menos aqueles que vivem puderam ampliar o círculo de ideias” (Reclus, 2010b).

Observa que a fuga da degradação que a cidade representa também não é somente opcional, mas ele verifica como uma estratégia definitiva possível somente para os burgueses: “Não se ignora que nas grandes cidades, como Londres e Paris, a força vital esgota-se rapidamente, e que nenhuma família burguesa continua ali para além da terceira ou no máximo quarta geração” (Reclus, 2010b). Mesmo o descanso temporário da vida da cidade e o contato com o campo são desiguais, pois “os mais favorecidos dão-se semanas de férias que vão passar longe da capital, nas montanhas ou nas praias. Aqueles que são mais subjugados por seu trabalho, limitam-se a fugir de tempos em tempos, durante algumas horas, do estreito horizonte das ruas costumeiras” (Reclus, 2010b).

Esta desigualdade no acesso também é problematizada na questão da apropriação em si da natureza, onde a mesma mercantilizada acaba se tornando simples objeto de comércio, tanto materialmente como sua imagem, esta demonstração da apropriação estética da natureza pelo capitalismo também é observada por Barreto (2016) e por Baumgartner (2014), por ser uma componente bem marcada do pensamento do autor:

À beira-mar, as falésias mais pitorescas, as praias mais encantadoras também são em muitos lugares açambarcadas por proprietários invejosos ou por especuladores que apreciam as belezas da natureza à maneira dos cambistas avaliando lingote de ouro. Nas regiões montanhosas frequentemente visitadas, o mesmo furor de apropriação apodera-se dos habitantes: as paisagens são recortadas em quadrados e vendidas ao comprador mais abonado; cada curiosidade natural, o rochedo, a gruta, a cascata, a fenda, de um glaciário, tudo, até o som do eco, pode tornar-se propriedade particular. Empreendedores apossam-se das cataratas, cercam-nas de tapumes para impedir os viajantes não pagantes de contemplar o tumulto das águas, depois, a força de publicidades, transformam em belas moedas sonantes a luz que brinca nas gotículas

rompidas e o sopro do vento que espalha no espaço echarpes de vapores. (Reclus, 2010b).

Reclus não critica somente esta componente, como observa Barreto (2016), mas também a exploração de maneira industrial desta natureza, que assim como o exemplo de uso anterior, se preocupa somente com o lucro:

Porquanto a natureza é profanada por tantos especuladores precisamente por causa de sua beleza, não é surpreendente que em seus trabalhos de exploração os agricultores e os industriais negligenciem quanto a perguntar-se se eles não contribuem para o enfeamento da terra...Vastas regiões, outrora belas de se ver e que amava percorrer, foram inteiramente desonradas, e experimenta-se um sentimento de verdadeira repugnância ao observá-las...Do mesmo modo, pouco importa ao industrial, explorando sua mina ou sua manufatura em pleno campo, enegrecer a atmosfera com fumaças da hulha e viciá-la por vapores pestilenciais. (Reclus, 2010b).

Esta crítica à apropriação da natureza para a exploração é ampliada por ele para entender a relação de sociedades inteiras com o declínio do meio natural onde se desenvolveram:

Os desenvolvimentos da humanidade ligam-se da maneira mais íntima com a natureza circundante. Uma harmonia secreta estabelece-se entre a terra e os povos que ela nutre, e quando as sociedades imprudentes permitem-se erguer a mão contra o que faz a beleza de sua região, elas acabam sempre por arrepender-se. Lá onde o solo enfeou-se, lá onde toda poesia desapareceu da paisagem, as imaginações desvanecem-se, os espíritos empobrecem-se, a rotina e o servilismo apoderam-se das almas e dispõem-nas ao torpor e à morte. Entre as causas que, na história da humanidade, já fizeram desaparecer tantas civilizações sucessivas, deve-se contar em primeira linha a brutal violência com a qual a maioria das nações tratam a terra nutriz. Abatiam as florestas, faziam secar as fontes e transbordar os rios, deterioravam os climas, cercavam as cidades de zonas pantanosas e pestilentas, depois, quando a natureza, por eles profanada, tornara-se-lhes hostil, eles a odiavam, e, não podendo refortalecer-se como o selvagem na vida das florestas, deixavam-se cada vez mais embrutecer-se pelo despotismo dos padres e dos reis. (Reclus, 2010b).

Este olhar sobre o progresso, através da maneira como se constituiu a civilização, a industrialização e a urbanização, além de definir os contornos de como este autor trata a relação entre pessoas e a natureza, com a desigual apropriação, tem-se por algo incômodo para a ciência da época que opta por não destrinchá-lo:

...O progresso que trazia benefícios incalculáveis às classes dominantes trazia também, em contrapartida, desvantagens, sobretudo para as populações pobres e para os países colonizados. Em outros estudos ele mostrou, com casos específicos, a miséria, que se propagava nas cidades industriais à proporção que elas cresciam e que camponeses vindos do

meio rural se acumulavam em seus arredores, em condições miseráveis. Este assunto não despertou o menor interesse dos geógrafos, que não aprofundavam pesquisas sobre a vida urbana e o processo de industrialização. (Andrade, 1985).

4. Da natureza revolucionária

O pensamento sobre a revolução social e evolução humana é importante por amarrar à história o ideal anarquista (Ferreira, 2016). Reclus como militante esteve ao lado de trabalhadoras e trabalhadores organizados naquele momento histórico, assim como esteve ao lado de grandes cientistas da época.

Denomina-se com orgulho como um evolucionista, porém esta designação que pode soar como contra-revolucionária e anti-socialista, só parece assim pela transposição mal feita das ideias evolucionistas de Darwin para a questão social. A ideia da evolução social como determinada, que pressupõem a aceitação das relações de poder como estão, associadas a ideia Malthusiana, leva a consideração de que o problema da escassez e degradação da natureza está no aumento da população e não na apropriação desigual. A refutação deste entendimento é central na obra de Reclus, de que a degradação da natureza e da humanidade é resultado de relações de dominação entre nós:

Es cierto que más de la mitad de la humanidad se compone de personas que no han sido invitadas al banquete social o que no hallan puesto libre y por consecuencia están condenadas a morir con la boca contraída por los deseos no satisfechos. La muerte preside la comida, y si esta falta, quedan separados de la vida los que llegan tarde...el ideal de pan para todos no es una utopía. La Tierra es suficientemente vasta para abrigarnos a todos en su seno y bastante rica para dar la vida en la abundancia; produce mieses suficientes para que todos tengamos qué comer, plantas fibrosas para que podamos ir vestidos todos los humanos, y piedra y cal abundantes para que cada cual tenga su casa. Tal es el hecho económico en toda su simplicidad. No solo que la tierra produce lo suficiente para vivir cuantos la habitan, sino que puede doblar el consumo de estos. (Reclus, 2012).

O acesso a natureza é negado aos pobres, inclusive à alimentação, e a estes ainda é aplicada toda a dureza da lei, uma sociedade utópica não permitiria esse tratamento desigual, porém os ricos reafirmam que isto é algo natural, que sempre existirá pobreza. Isto propagandeado pela economia política, e a teoria malthusiana de que somos muitos e que a população de pobres deve ser eliminada, faz com que seja introjetado no discurso dos próprios pobres o sentimento de inferioridade e a raiva aos semelhantes (Reclus, 2012).

Dada este estado de coisas, identificam-se nitidamente dois grupos, o que trabalha para conservar a pobreza e a desigualdade e os que trabalham pelo bem-estar de todos.

Estas forças são desiguais, os conservadores são mais fortes, porém temem a organização dos de baixo (Reclus, 2012). Transpondo para a questão acadêmica, para a geografia: “Admitindo-se a geopolítica como uma doutrina posta a serviço dos poderosos para dominar os fracos, chega-se à conclusão de que da obra de Reclus se pode retirar uma contrageopolítica dos povos tutelados em favor da libertação” (Andrade, 1985).

Para tanto é extremamente necessário que se ponha em prática a organização social. Contra todo o autoritarismo e por uma liberdade de pensar, falar e agir. Contra a intervenção de todo o sobrenatural sobre as ações humanas, contra o matrimônio e a família, contra a propriedade privada. A natureza está a serviço dos dominadores e estes não aceitarão espontaneamente abdicar de seus privilégios. Os de baixo terão de buscar através da luta: “La apropiación del suelo, de las fábricas y de los talleres, considerada desde el punto de partida de la nueva era social, es el gran ideal que un perfecto acuerdo a los obreros de todos los países”(Reclus, 2012).

A importância da internacional e de todas as organizações de trabalhadores é indispensável, bem como a utilização da Greve Geral como ferramenta, pelo caráter socializador e solidário que esta apresenta:

La huelga, o mejor dicho, el espíritu huelguista tomado en el sentido más amplio, tiene inmenso valor en el movimiento progresivo de la humanidad, más que por ninguna otra causa, por la solidaridad que establece entre todos los reivindicadores del derecho. Luchando por la misma causa, aprenden a amarse entre sí. (Reclus, 2012).

Neste sentido que Reclus nos fala quando trata da evolução, se afasta dela como algo linear e alcançada através da “ordem” e da manutenção e aprimoramento das estruturas sociais, e aproxima de uma concepção de mudança, constante transformação, social principalmente (Mateus, 2013).

A evolução e a revolução são entendidas por vezes como opostas, porém são complementares, uma está implicada na outra. Há aqueles que acreditam na evolução como um processo linear, e não acreditam que mudanças na sociedade a levam em frente, porém este tipo de posicionamento, mesmo tendo intenção progressista acaba sempre cumprindo um papel conservador. A evolução depende de revoluções que não pode só levar em conta um caráter da realidade, mas ao transformá-la desencadeia outras transformações (Reclus, 2012).

Nem sempre as mudanças possuem caráter progressista, a reforma protestante, por exemplo, que mesmo tecendo as mais incisivas críticas às práticas cruéis da igreja católica, não libertou o povo, cometendo as mesmas barbáries ou até piores (Reclus, 2012).

Uma revolução não se dá somente com a troca de quem está no poder, mas deve estar permeada de uma real mudança nas relações sociais. A proclamação da república na França em 1948 é usada como exemplo, pois uma parte de quem apoiou a república anos depois estava apoiando o retorno do império. A própria Comuna de Paris é por ele usado como exemplo disso, onde várias pessoas que saudaram a tomada da cidade pela Comuna, que aplaudiram a revolução, ao verem-se cercadas e presenciar a prisão dos lutadores e lutadoras da comuna foram flagrados aplaudindo estas prisões (Reclus, 2012).

Se o organismo social não evolui se torna conservador, e quem protesta contra o sistema deve estar protestando também contra todo o tipo de opressão, contra o patriarcado, no exemplo do autor (Reclus, 2012). Ou se está buscando realmente a evolução, no sentido de uma sociedade mais justa, em todos os seus aspectos, ou está sendo conservador de modo geral.

5. Da educação

A maneira de sentir a natureza, para Reclus está totalmente ligada às condições e a maneira que somos educados, pois “se a educação pode fazer aqueles que ainda não compreendiam o profundo encanto da natureza apreciarem-na, ela também pode, quando é deformada, depravar o gosto e dar do belo ideias monstruosas ou ridículas” (Reclus, 2010b). Esta mesma educação, que pode levar-nos a ter atitudes de admiração e contemplação quanto de indiferença, é pressuposto pelo autor como ponto necessário a ser trabalhado para a consolidação de uma sociedade melhor, “esse é o resultado que é indispensável alcançar para que as sociedades possam avançar em civilização de uma maneira normal, e que cada um de seus progressos não seja conseguido às expensas da terra que lhes serve de morada” (Reclus, 2010b).

Neste sentido ele pressupõem que a educação deve ser ferramenta para este ser humano, que através da ciência da natureza, do desenvolvimento físico (dá bastante ênfase à importância da ginástica) e do contato com o meio natural possa se desenvolver de maneira completa:

Sentimos que, sob pena de diminuição intelectual e moral, é necessário contrabalançar a qualquer preço pela visão das grandes paisagens da terra a vulgaridade de tantas coisas feias e medíocres onde os espíritos estreitos vêem o testemunho da civilização moderna. É preciso que o

estudo direto da natureza e a contemplação de seus fenômenos tornem-se para todo homem completo um dos elementos primordiais da educação; também é preciso desenvolver em cada indivíduo a habilidade e força musculares, a fim de que ele escale os cumes com alegria, observe sem temor os abismos, e conserve em todo o seu ser físico esse equilíbrio natural das forças, sem o qual as mais belas paisagens nunca serão percebidas senão através de um véu de tristeza e melancolia.

O homem moderno deve unir em sua pessoa todas as virtudes daqueles que o precederam na terra: sem nada abdicar dos imensos privilégios que a civilização conferiu-lhe, ele não deve também perder o que quer que seja de sua força antiga, e deixar-se superar por qualquer selvagem em vigor, em habilidade ou em conhecimento dos fenômenos da natureza. (Reclus, 2010b).

A educação deveria dar conta de desenvolver totalmente a criança em relação ao seu ambiente. Para tanto deve expandir-se para além do ambiente escolar, tornando todo o espaço de crescimento do indivíduo como um espaço educativo. Não se quer retirar a importância da escola, mas abarcar outras dimensões no processo educativo: “La contemplación de la naturaleza y de las obras humanas, la práctica de la vida, he ahí la escuela donde se aprende la verdad y donde se hace la educación de las sociedades contemporáneas” (Reclus, 2012). Inclusive pela importância dada à socialização: “Para ser completamente livre, a criança, além de ter aprendido a escutar a si mesma deve reconhecer o outro, descobrir também o outro como indivíduo” (Codello, 2007).

A ideia de trabalhar uma outra relação com os animais é um ponto abordado por Almeida (2015) para a educação em ciência, onde as premissas do vegetarianismo de Reclus, “revelam um potencial educativo evidente”, para além da questão da dieta, como forma de problematizar a nossa relação com a natureza e as desigualdades sociais.

6. Considerações Finais

Por hora, levantamos o entendimento de que a relação da nossa sociedade com a natureza, e de um grupo com o outro dentro de nossa sociedade é permeada de conflitos, e de que estes se baseiam na estrutura social desigual que a sociedade capitalista desenvolve, no âmbito da luta de classes, vem de encontro aos olhares atuais para o campo da Educação Ambiental. Bem como a necessidade de incluir na proposta de utopia de uma nova sociedade possível o respeito a todas as formas de vida (Machado et al., 2016).

Para além de encontrar esta aproximação com o campo na maneira que se entende a relação com a natureza e a utopia, o pensamento de Reclus nos ajuda a reafirmar a nossa prática: apontando a necessidade do diálogo onde ele é possível (entre os semelhantes e diferentes), porém refutando a tentativa destes com o opressor, afinal com o antagonico

existe o conflito, confronto e acordo, nunca diálogo (Machado & Machado, 2017). A necessidade é de tornar nítidas as relações de dominação e pautar as ações da Educação Ambiental na luta pela transformação social que vise romper com elas, e não as perpetuar.

Referências:

ALMEIDA, Antonio. A Relevância do Pensamento de Elisée Reclus em Ética Ambiental: Contributos para a Defesa do Vegetarianismo. In: 1º Encontro de História da Ciência no Ensino, Vila Real - PT, 2015. Rodrigues & J. Azevedo, **1.º Encontro de História da Ciência no Ensino**, Vila Real: UTAD, 2015. p. 108-117. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/277302131/>. Acessado em: 30 jul. 2018.

ANDRADE, Manuel Correia de. Atualidade do pensamento de Èlisée Reclus. In: **Èlisée Reclus – Coleção Grandes Cientistas Sociais**. São Paulo: Editora Ática, 1985.

BARRETO, Vitor Julio Gomes. A relação homem-natureza na obra “O homem e a terra” de Eliseé Reclus. In: XVIII Encontro Nacional de Geógrafos, Julho de 2016, São Luis, MA. **Anais do XVIII Encontro Nacional de Geógrafos**. São Paulo: AGB, 2016. Disponível em: http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467682716_ARQUIVO_ArtigoENG-SaoLuis.pdf/. Acessado em: 30 jul. 2018.

BAUMGARTNER, Wendel Henrique. Do sentimento da natureza à sua apropriação capitalista: A sociedade e a natureza nas contribuições de Èliseé Reclus. **Geographia Opportuno Tempore, Londrina**, v.1, n. 1, p. 20-33, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/Geographia/article/view/17878/14401/>. Acessado em: 30 jul. 2018.

CODELLO, Francesco. “A boa educação”: experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin a Neill. São Paulo: Imaginário, 2007.

CUEVAS NOA, Francisco José. **Anarquismo y educación: la propuesta sociopolítica de la pedagogia libertária**. Madrid: Fundacion de Estudios Libertários Anselmo Lorenzo. 2014.

FERREIRA, José Maria Carvalho. Èlisée Reclus: vida e obra de um apaixonado da natureza e da anarquia. **Revista Verve**, São Paulo, v.10, p109-134, 2006. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5436/3883/>. Acessado em: 30 jul. 2018.

JUNIOR, Hélio de Souza Morais; BRINGEL, Fabiano de Oliveira Bringel. O pensamento de Reclus e suas contribuições para uma abordagem territorial libertária. In: VII Congresso Brasileiro de Geógrafos, Agosto de 2014, Vitória, ES. **Anais do VII CBG**. São Paulo: AGB, 2014. p 1-11. Disponível em: http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404682036_ARQUIVO_tramporeclus_artigoCompleto_2_.pdf/. Acessado em: 30 jul. 2018.

MACHADO, Carlos Roberto da Silva; CALLONI; Humberto; ADOMILLI, Gianpaolo. Olhares, pensares e fazeres sobre e na Educação Ambiental: Reflexões sobre/desde os fundamentos ao campo atual brasileiro. **Ambiente & Educação, Rio Grande**, v. 21, n. 1,

p. 3-25, 2016. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/6252/3985/>. Acessado em: 30 jul. 2018.

MACHADO, Carlos R.S.; MACHADO, Tainara F. O lobo (o opressor) em pele de cordeiro entre nós (os desiguais e diferentes): Os conflitos em Paulo Freire como contribuição aos processos educativos e produtivos. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Rio Grande**, Edição especial XIX Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, p. 60-78, 2017. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/6893/>. Acessado em: 30 jul. 2018.

MATEUS, João Gabriel da Fonseca. Reinterpretação ao conceito de evolução em Élisée Reclus. **Élisée - Revista da Geografia da UEG, Anápolis**, v.2, n.2, p.154-164, jul/dez, 2013. Disponível em: <http://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/1984/1523/>. Acessado em: 30 jul. 2018.

RECLUS, Élisée. **A anarquia e os animais**. Piracicaba: Ateneu Diego Giménez COB-AIT, 2010a.

RECLUS, Élisée. **Do sentimento da natureza nas sociedades modernas**. Tradução Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Editora Imaginário; Expressão & Arte editora; Expressão & Arte Editora, 2010b.

RECLUS, Élisée. **Anarquia pela educação**. Tradução Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Hedra, 2011.

RECLUS, Eliseo. **Evolución, revolución y otros escritos**. Traducción de A. Gregori. Buenos Aires: Editorial Tor; Montevideo: Alter Ediciones, 2012.

SANTOS, Caio Floriano dos; GONÇALVES, Leonardo Dorneles; MACHADO, Carlos RS, “Educação Ambiental para Justiça Ambiental: Dando mais uns passos”. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Rio Grande**, v.32, n.1, p.189-208, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/5016/3268/>. Acessado em: 30 jul. 2018.

Submetido em: 23-09-2018.

Publicado em: 15-04-2019.